

14º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2023

EDUCAÇÃO SENSÍVEL E ARTES CÊNICAS: Possíveis relações no contexto da Educação Básica

João Vitor Garcia Doná¹
Thais Castilho Taiacol Candido²

RESUMO: O propósito deste trabalho, oriundo de um projeto de iniciação científica, consiste em relacionar as práticas da Arte com a Educação Sensível no contexto da Educação Básica, a fim de refletir sobre as contribuições das vivências corporais e expressivas para formação das/dos estudantes. A abordagem da Educação Sensível, embasada no pensamento de Rancière (2005), prega a internalização dos conhecimentos por meio de vivências sensíveis, isto é, metodologias de ensino que incentivem a capacidade de ouvir, ver, falar, perceber, imaginar e criar, a fim de instigar as/os estudantes a compreenderem melhor a si mesmos, o outro e seu meio. Observa-se que essa perspectiva se aproxima dos estudos da arte-educação, desenvolvidos ao longo das últimas décadas, sobretudo no que tange às artes corporais, pois o corpo em estado de criação e comunicação implica processos sensibilizadores. Todavia, mesmo após muitas pesquisas na área e documentos oficiais em voga, como a BNCC, ainda é possível encontrar vivências artísticas no ambiente escolar divergentes a essas visões e propósitos. Posto isto, o presente texto, de natureza teórica, propõe reflexões sobre os pontos convergentes entre a Arte e a Educação Sensível, a fim de levantar possibilidades para uma prática pedagógica mais empática e conscienciosa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sensível; Arte; Educação Básica; BNCC.

SENSITIVE EDUCATION AND PERFORMING ARTS: Possible relationships in the context of Basic Education

ABSTRACT: The purpose of this work, arising from a scientific initiation project, is to relate the practices of Art with Sensitive Education in the context of Basic Education, in order to reflect on the

¹ Aluno do curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio do IFSP – Campus Birigui, estudante pesquisador no programa de Iniciação Científica (PIVICT) da mesma instituição, Presidente do Grêmio Estudantil Revolução Florestan Fernandes, ator e performer há 5 anos. Contato: joao.dona@aluno.ifsp.edu.br

² Professora colaboradora de Arte do IFSP – Campus Birigui, Doutora e Mestra em Educação pela UFPR, Especialista em Metodologia do Ensino de Arte pela UNINTER, Licenciada e Bacharela em Dança pela UNESPAR – Campus Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná. Contatos: tahcastilho@hotmail.com
castilho.thais@ifsp.edu.br

contributions of bodily and expressive experiences for the formation of students. The Sensitive Education approach, based on the thinking of Rancière (2005), preaches the internalization of knowledge through sensitive experiences, that is, teaching methodologies that encourage the ability to hear, see, speak, perceive, imagine and create, in order to instigate students to better understand themselves, the other and their environment. It is observed that this perspective is similar to art-education studies, developed over the last few decades, especially with regard to body arts, as the body in a state of creation and communication implies sensitizing processes. However, even after much research in the area and official documents in vogue, such as the BNCC, it is still possible to find artistic experiences in the school environment that diverge from these visions and purposes. In view of this, this text, of a theoretical nature, proposes reflections on the converging points between Art and Sensitive Education, in order to raise possibilities for a more empathetic and conscientious pedagogical practice.

KEYWORDS: Sensitive Education; Art; Basic education; BNCC.

INTRODUÇÃO

Mesmo após exímias mudanças de paradigmas no campo da Educação, muitas instituições de ensino ainda priorizam a dimensão lógico-racional em suas propostas, tendo como foco a preparação para a alta performance em avaliações e vestibulares, além de eficiente atuação no mercado de trabalho. Nesses contextos, os saberes das Artes Cênicas, seja nas aulas regulares ou em projetos diversos, por vezes são diminuídos, não são vistos em suas complexidades e potencialidades.

Na contramão desse conflito, a perspectiva da Educação Sensível, embasada especialmente nos pensamentos de Rancière (2005), afirma que a dimensão emocional é vital para o processo de aprendizagem e não deve ser ignorada. Com isso, aposta em propostas educacionais que provoquem sensações, sentimentos e experiências significativas, a fim de que as crianças incorporem os conhecimentos através do campo sensível.

A questão emancipatória se torna fundamental para a Educação Sensível, pois necessita que as múltiplas inteligências, vinculadas ao protagonismo do sujeito, sejam asseguradas. Assim, temos um modo de ensinar livre de “embrutecimentos”, ou seja, de pensamentos e atitudes marcados por autoritarismos, determinismos e até mesmo de “achismos”, oriundos das vivências das/dos docentes.

Diante disso, o presente trabalho tem por interesse explorar as aproximações entre a Arte e a Educação Sensível, utilizando a perspectiva de emancipação intelectual. Isto é, objetiva refletir sobre como essa abordagem contribui para as práticas artísticas na Educação Básica e como o educador deveria compartilhar o conhecimento em sua forma mais pura em classe. Ademais, a BNCC servirá de palco para essa pesquisa, norte para a compreensão do que se espera dessa conjuntura.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo, de acordo com Minayo (1992), é de natureza teórica e viés qualitativo, cujas reflexões e análises são formuladas a partir da bibliografia da área, a respeito do ensino de Arte e da Educação Sensível. Em especial, o documento da BNCC serve de norteador para tais discussões. O material, portanto, encontra-se em formato de livros físicos, documentos e artigos digitais, disponíveis em revistas pela internet, tendo como foco levantar possibilidades para as práticas pedagógicas de Arte na escola da Educação Básica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 Educação Sensível e sua Aplicabilidade Metodológica

Observa-se que muitas instituições de ensino ainda buscam preparar seus alunos e alunas para sua futura atuação no mercado de trabalho, de modo a basear suas práticas pedagógicas na dimensão lógico-racional. Porém, tais escolas se esquecem de que o próprio mundo do trabalho contemporâneo requer habilidades e competências advindas de outras esferas, como a social, emocional ou cultural; o que torna essa tendência, no mínimo, incoerente.

Destarte, o atual contexto histórico-social está marcado pela sensação de urgência nos ambientes de trabalho, atrelado ao esgotamento emocional, transtornos e patologias diversas, sendo essas as consequências de uma formação conteudista, meritocrática e apática. É imprescindível, portanto, se quisermos uma sociedade mais humana, buscar uma educação pautada na sensibilidade (Vani, 2013).

Não à toa, a Base Nacional Comum Curricular (2018) apresenta um conjunto orgânico responsável por assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. A melhor maneira encontrada para essa seguridade foi a implementação de competências, tais que tem como definição a união entre conhecimentos, habilidades, atitudes e valores.

É necessário destacar que a intersecção de competências gerais da Educação Básica é fundamental para o aprendizado. A utilização de diferentes linguagens (verbal, corporal, visual e sonora), bem como a linguagem artística juntamente com a matemática e científica, é essencial para produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Entretanto, as atuais leis e documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (2018), não são suficientes para assegurar que a sensibilidade seja desenvolvida desde a primeira infância. A carência desse aspecto no cotidiano escolar resulta em cidadãos com dificuldades em sentir, ouvir, criar, dialogar, reforçando posicionamentos individualistas e antidemocráticos (Marchi; Colavitto, 2015).

O maior desafio para os educadores, atualmente, é buscar uma forma adequada de trabalhar o conhecimento sistematizado, necessário para a formação acadêmica do sujeito, levando em consideração o “sentir” da criança, ou seja, uma prática pedagógica que não segrede os aspectos racionais/lógicos e os sensíveis/subjetivos dos sujeitos, especialmente no que tange o contexto da Educação Básica.

Vale destacar que o aprendizado das crianças se desenvolve pela via da ludicidade, ligada ao jogo simbólico e ao brincar, na qual o corpo da criança faz a gestão de suas sensações, análises e percepções. Desde os estudos de Wallon (1978), por exemplo, é notável como a afetividade se torna fundamental para a aprendizagem de alunos e alunas; todavia, o autor destaca que a afetividade não deve ser vista com olhares simplistas, muito menos, apenas por um entendimento mental, uma vez que os aspectos motores e a cognição estão a ela estreitamente vinculados.

Ao utilizar-se de uma educação voltada preferencialmente à lógica, visando somente o “sucesso profissional”, a criança que está em um processo de desenvolvimento integral encontra-se sem amparo emocional, não sabendo lidar com seus próprios sentimentos ou se posicionar de forma clara e empática (Gonçalves; Koehler; Gonçalves, 2018).

A perspectiva da Educação Sensível, por sua vez, aposta na ideia de equilíbrio entre razão e emoção. Rancière (2005), filósofo que preconizou tal abordagem, e por isso se torna o principal aporte teórico desse estudo, defende que isso é possível durante a partilha de sensibilidade, em meio a uma educação estética e política do cidadão. Tornar-se sensível diz respeito ao sujeito ter acesso ao campo sensível e agir a partir dele, de modo a compreender melhor sua própria existência e a do outro, manifestando-se no mundo de uma maneira mais humana - empática, consciente e responsável.

Com isso, a abordagem da Educação Sensível prega a internalização dos conhecimentos por meio de vivências sensíveis, com metodologias de ensino que incentivem a capacidade de ouvir, ver, falar, perceber, imaginar e criar, a fim de compreender a si mesmo e o outro, transformando-se através das ações e discursos alheios. Sendo assim, não está ligada somente à área de Linguagens ou de Ciências Humanas, pois é indispensável a todos os Campos de Experiência ou Componentes Curriculares, de modo a proporcionar relações de afeto entre docentes e estudantes.

De acordo com Cabral e Santos (2020, p. 315):

[...] a partilha do sensível caracteriza-se como a possibilidade de transformação a partir de uma experiência pedagógica. A transformação referida não possui ligações com pensamentos utópicos ou místicos ligados à transcendência do estado de espírito do sujeito, mas sim em sua mudança real, visível na construção social que se desprende de suas prerrogativas individuais para deixar-se contaminar pelo outro de forma sensível, ou seja, não praticadas convencionalmente no dia a dia.

Nessa direção, vale destacar a importância das vivências artísticas para as etapas da Educação Básica, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. No que tange a primeira:

É preciso compreender que o processo de construção de conhecimento da criança se dá pela via do lúdico, do jogo e das relações com o brincar. A arte e uma compreensão do corpo como performance são caminhos que mais possibilitam trabalhar a partir do e para o sensível, afinal, como linguagem a arte é expressão, comunicação, produção de sentidos; e como performance, o corpo se manifesta e discursa (Gonçalves; Koehler; Gonçalves, 2018, p. 129).

Mesmo após longos anos de lutas dos arte-educadores, baseadas em pesquisas e fundamentações, ainda é possível identificar que, muitas vezes, a maneira que a Educação Básica aborda o ensino de Arte é relacionado em partes, se não somente a atividades focadas em festividades com base no calendário cultural brasileiro ou regional; quando não é criado um plano de aulas voltados apenas a tais comemorações ele é construído com rotinas padronizantes e desinteressantes na construção do aprendizado - esse é o maior desafio apresentado por Pereira (2016), no que tange a construção de um currículo que leva em consideração as necessidades e potencialidades das crianças.

A respeito da Arte para os anos finais da Educação Básica, para Gonçalves, Castilho e Gabardo (2019, p. 145 – grifo nosso), as práticas com as Artes Cênicas na escola devem: “[...] constituir-se em ações problematizadas por um fazer-pensar, tornando-se uma vivência sensibilizadora e produtora de sentidos, alcançando, desse modo, a dimensão da Arte - o lugar da ressignificação, da transcendência, por fim, da transformação”.

Verifica-se, desse modo, que um trabalho significativo com as Artes Cênicas nas diferentes etapas da Educação Básica é essencial para dar voz as/os estudantes e colocá-las/los em relação direta com as vozes dos demais, iniciando assim uma relação verdadeira do eu e o outro, do saber ouvir e saber falar, do ser sensível ao outro e ao mundo.

Por essa razão, o presente estudo se debruça nas articulações dos saberes das Artes Cênicas e a Educação Sensível, tendo como cenário a Educação Básica, a fim de refletir sobre as contribuições das vivências corporais e expressivas para formação de crianças pequenas.

2.2 Arte, Educação Sensível e BNCC

De acordo com Rancière (2005), principal teórico da Educação Sensível, o ato explicativo e a imposição da maneira “correta” de se pensar/fazer/criar podem ser o princípio do embrutecimento de múltiplas inteligências. Arelado a isso, a estipulação acadêmica de que o profissional da educação tem mais a ensinar do que a aprender determina um sistema educacional repleto de um viés retrógrado. Rancière nos apresenta em sua teoria a inexistência de uma hierarquia de inteligências, pontuando dessa forma que os educadores devem ensinar que não tem nada a ensinar.

Deve-se fazer a leitura dessa teoria utilizando de exemplo o próprio professor mencionado pelo filósofo, Jacotot nos é apresentado na obra de Rancière como um mestre emancipador, seu método de compartilhar o conhecimento tinha por princípio não embrutecer os saberes, já que ele transforma uma divergência linguística em uma maneira de orientar e emancipar intelectualmente seus aprendizes.

A forma na qual ele direciona o conhecimento prévio de seus discentes sobre a leitura para que aprendessem o que era desejado é a mais simples e ao mesmo tempo complexa maneira de se utilizar a educação sensível, o mestre permite com que os estudantes visitem seus saberes em outros campos para aprender um novo conhecimento, apenas orientando e não embrutecendo, sendo um mediador.

Observa-se que a BNCC contempla um pensamento do que seria a Educação Sensível especialmente na etapa da Educação Infantil, como é possível perceber no campo de “Corpo, gestos e movimentos”, no qual a visão de Rancière é, de certa maneira, bem aplicada.

A Base descreve como um dos elementos balizadores do campo supracitado utilizar o corpo de forma intencional – com criatividade, controle e adequação – também como um instrumento de interação com o outro e o meio. Esse elemento tem ligação direta com a função que o teatro desempenha na educação, em ambas as idades no aprendizado, as artes cênicas estarão presentes incentivando a criatividade, ensinando e desenvolvendo controle e fazendo os/as aprendizes se adequarem em situações cotidianas que necessitem de uma inteligência emocional mais desenvolvida.

Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, as crianças se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e

movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física (Brasil, 2018).

No que tange o Ensino Fundamental, nota-se que a perspectiva da Educação Sensível não abrange de forma exclusiva o campo artístico, entretanto, sobre Arte nessa etapa, é notável a pretensão teórica sobre o sensível nas 6 Dimensões do Conhecimento, a serem abordadas durante as aulas. Dentre elas, observa-se que a Estesia é a que mais se relaciona com a perspectiva sensível.

Por Estesia a BNCC entende como: “[...] à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. [...] Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência.” (Brasil, 2018, p.194.)

Sendo assim, a Estesia é responsável por correlacionar a percepção do artístico com a sensibilidade de cada estudante, desenvolvendo-o pela via do sensível, a ponto de compreender melhor a obra e a si mesmo.

Por último, em relação a etapa do “Ensino Médio”, a Base afirma que é o período no qual os jovens ampliam o conhecimento de seus próprios sentimentos, interesses e sua capacidade intelectual, um momento de reflexão sobre a própria vida e o futuro trabalho que gostariam de desempenhar na sociedade.

Em relação à Arte, está localizada na área de Linguagens e suas Tecnologias, para a qual o documento enfatiza:

No decorrer desses processos, os estudantes podem também relacionar, de forma crítica e problematizadora, os modos como as manifestações artísticas e culturais se apresentam na contemporaneidade, estabelecendo relações entre arte, mídia, política, mercado e consumo. Podem, assim, aprimorar sua capacidade de elaboração de análises em relação às produções estéticas que observam/vivenciam e criam (Brasil, 2018, p. 474).

Ainda segundo o documento, observa-se que “[...] o trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o entrelaçamento de culturas e saberes [...]” (Brasil, 2018, p.483 - grifo nosso). A Arte em seu estado mais crítico e reflexivo permite o aprendiz a desenvolver sensibilidade para conectar o que já foi aprendido com o que ele busca, desenvolvendo seu protagonismo e, assim, seu projeto de vida.

CONCLUSÕES

Conforme citado, o grande desafio para os educadores, atualmente, é buscar soluções para partilhar o conhecimento sistematizado, acadêmico, necessário para a formação do sujeito e sua futura atuação no mundo do trabalho, estando aliado ao “sentir” das/dos estudantes, isto é, uma prática pedagógica que não segrega os aspectos racionais/lógicos e os sensíveis/subjetivos dos sujeitos, especialmente no que tange o contexto da Educação Básica.

Tendo em vista esse cenário, no presente trabalho as visões da Educação Sensível foram relacionadas à área de Arte, tecendo aproximações para otimizar as práticas pedagógicas na Educação Básica, de modo a reforçar a importância dessa Linguagem para o desenvolvimento das/dos estudantes, almejando fomentar a empatia, a criatividade, o protagonismo e demais competências.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

O Autor 1 contribuiu com a proposta da pesquisa em si, a curadoria e análise dos dados, enquanto o Autor 2 realizou a orientação do trabalho, mediando as análises teóricas e a organização da redação. Ambos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

REFERÊNCIAS

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte : Autêntica, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em:

CABRAL, J. de O., & dos SANTOS, V. L. B. (2020). **Um olhar sobre partilha sensível nas artes cênicas**. Cena, (32), 312–318.

GONÇALVES, J. C.; KOEHLER, R.; GONÇALVES, M. B. Teatro e Performance na Educação Infantil:[cor]possibilidades para uma educação sensível. **Revista Teias**, v. 19, n. 52, 2018. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/revistateias/article/view/2955>> Acesso em: 06/11/2020

GONÇALVES, M. B.; CASTILHO, T.; GABARDO JR., J. Corpos dançantes na escola: diálogos entre a educação performativa e a perspectiva bakhtiniana. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**. v. 14, n. 3, 2019.

MARCHI, João Alfredo Martins; COLAVITTO, Marcelo Adriano. **O método de Viola Spolin aplicado à sala de aula**. 2015. 14 f. Tese (Doutorado) – Curso de Licenciatura em Teatro, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

PEREIRA, A. C. C. **A dança na educação infantil – desafios e possibilidades: projeto linguagem corporal na educação infantil na rede municipal de educação de Belo Horizonte**. In: MUNIZ, M. L.; CRUVINEL, T. B. (Orgs.). *Pedagogia das artes cênicas: criança, jogo e formação*. Curitiba: CRV, 2016. p. 33-44.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: 34, 2005.

VANI, A. C. **A educação do sensível: saberes educativos que circulam na compreensão do ser humano**. Unesco & ciência – ACHS, Joaçaba, v. 4, n. 1, p. 7-18, jan./jun. 2013.